

# Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo

Marutschka MOESCH<sup>1</sup>

Mario Carlos BENI<sup>2</sup>

**Resumo:** A reflexão com vista a superar as crises revendo a pertinência dos conceitos, das teorias, dos métodos e modelos diante da problemática da possibilidade de uma ciência do turismo é o objeto desse artigo. Propositura epistemológica que implica no desvelamento da visão tradicional dos estudos do turismo frente a uma realidade complexa que constrói pela trama social, cultural, antropológica, econômica, política de um objeto interdisciplinar. O artigo ensaístico constrói-se em três eixos, o primeiro apresenta uma discussão sobre a possibilidade de o turismo ser uma disciplina tecida nos anos 1980, e os modelos explicativos pela teoria sistêmica como o SISTUR. O segundo eixo aproxima o leitor acerca da teoria da complexidade, com a concepção epistêmica da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade pelas mãos de Edgar Morin(2000) e E. Jantsch (1980). O objetivo é conquistar o objeto do turismo em sua forma inter e transdisciplinar, onde o princípio de auto-eco-organização tem valor hologramático, onde cada ponto contém a quase totalidade da informação do todo, afim de trilhar o caminho de uma ciência emancipatória das amarras disciplinares. Razão da explicitação do terceiro eixo tecido sobre os exercícios fecundos que estão sendo construídos sob a teoria da complexidade como o sistema orgânico do turismo: ecossistema turístico e a reconstrução das categorias do objeto do turismo cuja totalidade se expressa como fenômeno humano.

**Palavras-chave:** Turismo. Epistemologia. Ciência. Transdisciplinaridade. Teoria da complexidade.

## Introdução

A Ciência não é uma leitura da experiência a partir do concreto. Fundamentalmente, consiste em produzir, com a ajuda de abstrações e de conceitos, o objeto a ser conhecido. Ela constrói o seu objeto próprio pela destruição dos objetos da percepção comum. Seu progresso não se faz por acumulações, novas verdades vindas justapor-se ou sobrepor-se às já estabelecidas. O saber de Turismo não é linear. Não há evolução, mas “revolução”, progredindo por reformulações, por refusões em seu corpo teórico, por retificações de seus princípios básicos. É assim que ela marcha em direção a um saber sempre mais objetivável, jamais inteiramente objetivo.

Até metade do sec. XX, a maioria das ciências tinha como método de conhecimento a especialização e a abstração, ou seja, a redução do conhecimento de um todo ao conhecimento das partes que o compõem (como se a organização de um todo não produzisse qualidades novas em relação às partes consideradas isoladamente). Sob a matriz de Bacon conceito básico era o determinismo em outras palavras, a ocultação da alteridade, da novidade, e a aplicação da lógica mecânica, como uma máquina artificial aos

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Turismo ECA/USO-Coordenadora mestrado Turismo UNB. marumoesch@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor Ciências Sociais USP. Professor Mestrado em Turismo UNB-beni@unb.br.

problemas dos seres vivos da sociedade, e, portanto, a sua perfectibilidade, dadas as condições sociais, jurídicas e políticas adequadas de as determinar com rigor.

Sem dúvida o conhecimento deve utilizar a abstração, mas também deve tentar se construir em relação com o contexto e, portanto, mobilizar o que o indivíduo sabe sobre o mundo. A compreensão de dados particulares só pode ser pertinente para quem exercita e cultiva sua inteligência geral, utilizando seus conhecimentos gerais em cada caso particular.

Os estudos de uma episteme do turismo demonstram que seu epicentro é de caráter humano, pois são os turistas que se deslocam e não as mercadorias. Isso complica, posteriormente, o esforço de uma argumentação sistemática desta realidade no que tange ao seu conhecimento. Basta que se pense na série importante de interações sociais que derivam do comportamento “consumidor – turista” com as comunidades dos destinos turísticos, e todo o complicado processo de identificação do turista com o grupo ideal (a exemplo da segmentação turística), ou efetivo, que determina a escolha da localidade de destino.

O que leva a busca de novas trilhas teórico-metodológicas na construção de uma epistemologia do turismo, as quais já foram desbravadas desde os anos de 1980, quando pesquisadores brasileiros preocupados com a apreensão científica do objeto do turismo e seus modelos interpretativos construíram, para além de uma visão disciplinar e restrita, modelos sistêmicos e categorias analíticas. Essas teorias foram publicadas em obras como *Análise Estrutural do Turismo* (1988) e *A Produção do Saber do Turismo* (2000), entre outras.

Dentro do campo paradigmático interdisciplinar o modelo é uma construção metodológica que se operacionaliza em dois momentos: o da construção e reconstrução da estrutura do objeto, e o momento da construção e reconstrução do processo de conhecimento. Para construir uma ciência do Turismo deve-se ir muito além da construção de uma metodologia, já que esta não deve ter um fim em si mesmo, mas ser um meio para se atingir o fim cognitivo. O que deduz-se, ser necessário, mas não ser suficiente, a construção de modelos explicativos, a exemplo dos modelos sistêmicos do turismo.

Compreendendo paradigmas como constelações de crenças e valores e técnicas partilhadas por membros de uma comunidade científica, que se referem aos modelos, padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade esses sempre serão pertinentes a uma época, estruturando novas teorias o que necessariamente requer uma discussão lógica entre um conjunto de conceitos-mestres do campo do turismo que permearam suas explicações. Essa seria uma discussão nuclear ao mesmo tempo linguística, lógica e ideológica (Morin, 2000) sobre o paradigma de abordagem não fragmentada, racionalista reafirmando uma visão do mundo em que há perfeita concordância entre as formas de explicação racional e a realidade do universo, excluindo, dessa forma, outras possibilidades de explicação. Sem dúvida o conhecimento deve utilizar a abstração, mas também deve tentar se construir em relação ao contexto e, portanto, mobilizar o que o sujeito sabe sobre o mundo. A compreensão de dados particulares só pode ser pertinente para quem exercita e cultiva sua inteligência geral, utilizando seus conhecimentos gerais em cada caso particular.

A forma como o turismo vem sendo proposto em diferentes territórios na contemporaneidade coloca a urgente questão sobre as teorias interpretativas que o formatam, pois traduz as concepções de conhecimento monodisciplinar, multidisciplinar, quiçá interdisciplinares, implícitas e subjacentes as propostas de seus modelos ocasionando sérias implicações éticas, sociais, políticas impactadas por suas práticas turísticas. Pois é no bojo da complexidade dessas práticas e seus impactos às comunidades que esse artigo suscita a reflexão.

## 2- Reforma urgente no modo de compreender o fenômeno do Turismo

O tratamento disciplinar que vem sendo dado ao estudo do Turismo – e daí a dificuldade em sua compreensão como uma totalidade fenomênica – faz parte do contexto da produção do conhecimento científico moderno. Entende-se aqui totalidade fenomênica como a atualidade imediatamente dada à observação empírica efetiva, positivamente efetuada, manifestando-se numa constatação (Japiassu, 2002). A disciplinaridade é consequência do uso do paradigma analítico na construção dos saberes; até bem pouco tempo, este paradigma era tido como único e incontestável.

O método analítico divide problemas grandes ou complexos em partes, acreditando, assim, diminuir sua complexidade ao diminuir a intensidade das informações e relações. O problema maior é dividido em questões menores; repartindo-o em partes independentes, para alcançar uma maior compreensão. Por quê? Para resolver problemas, nesta lógica, seria separar, solucionar os problemas de cada uma das partes ou setores e, assim, capacitar pelo conhecimento científico, ao enfrentamento a um problema maior.

Não podemos negar que a ciência moderna permitiu grandes avanços ao pensamento humano, devido a essa abordagem analítica, chamada de *cartesiana*, por ter em Descartes um dos seus principais teóricos. Mas hoje, o cartesianismo não dá conta, quanto se trata de uma maior aproximação dos problemas sociais contemporâneos. Como afirma Morin (1998), a racionalização originada na trindade: técnica, ciência e razão – as quais já forneceram a luz para esclarecer os caminhos do futuro – estão equivocadas, mutiladas, por conter rupturas internas. Hoje sabemos que a ciência produziu coisas boas e fecundas, mas também permitiu que, pela primeira vez, a humanidade vislumbrasse a possibilidade da destruição total do planeta, pelo excessivo consumo de todos os bens que essa mesma tecnologia produz. Quer dizer, há problemas dentro da razão, como afirma Morin (1998).

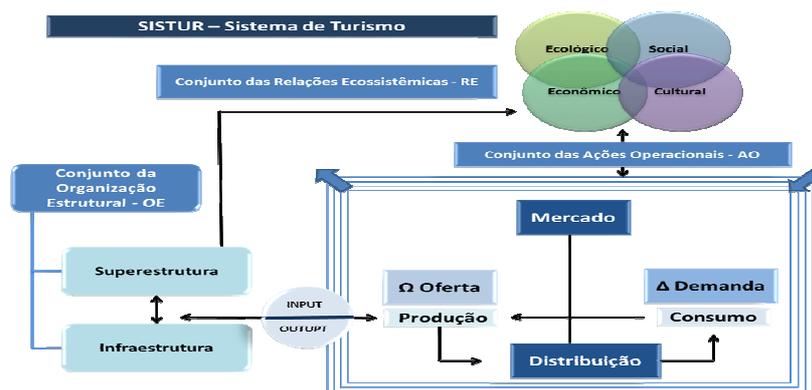
A tradição dos estudos monodisciplinares trouxe ao turismo um reducionismo na compreensão de sua episteme, como uma banalização em suas conceituações e consequentemente sua denominação ora como indústria, negócio, atividade, setor, entre outras, devido a falta diálogo entre as disciplinas e apropriação metodológica de cada campo disciplinar.

Concepções disciplinares restritas que não foram superadas nem mesmo com o modelo proposto por Jafar Jafari no Artigo "*Toward a framework for Tourism education*", publicado no periódico *Annals of Tourism Research*, em 1981, pois ao avançar em seu dispositivo cognitivo multidisciplinar: onde as formas de conhecimento do objeto em estudo advêm de áreas do conhecimento distintas: geografia, economia, administração, antropologia, etc., essas mesmo que dispostas em forma de uma teia, não são suficientes

para romper suas fronteiras disciplinares metodológicas na compreensão do objeto do turismo. Mesmo que a multidisciplinaridade admita vasos comunicantes, visando uma compreensão mais holística, essa organização curricular não é suficiente para a construção de uma base teórico-metodológica própria à epistemologia do turismo. O exercício epistemológico aqui não se estabeleceu por completo, pois o objeto –turismo- não foi reconstruído por suas categorias fundantes, e sim tomado como objeto dado, *a coisa em si*. O que foi observado é o “fenômeno-invólucro ocultando sua realidade mesma, que se mantém fora do campo da percepção empírica”, (Japiassu, 2002, p.21)

Os modelos sistêmicos, a partir da década de 1980, foram adotados em muitos estudos sobre o turismo, principalmente com a preocupação de estabelecer maior transferência de renda entre regiões, ou o chamado desenvolvimento regional pelo turismo. Alberto Sessa (2004) apresenta uma análise sistêmica cujo modelo é representado por elementos que são: o turista, que é definido por fluxo turístico, a indústria turística, serviços turísticos, a oferta dos recursos, a infraestrutura e superestrutura turística entendida como sistema econômico turístico em relação ao sistema ecológico, educacional, sócio familiar, da ciência, da cultura.

Como a energia desse sistema vinda da relação entre oferta-demanda estabelecida pelo mercado. O fluxo de massa e de energia no interior do sistema processa-se através de “canais de comunicação” que, muitas vezes, não são claramente delineados. No transcorrer desse fluxo, pode ocorrer que parcelas de massa e de energia fiquem armazenadas em diversos setores, por lapsos de tempo das mais diversas escalas, constituindo reservas para o funcionamento do sistema. Dessa forma, no conjunto há quantidades de massa e de energia que estão constantemente circulando, se transformando ou temporariamente retidas, conforme o modelo de Beni (1998), expressa na Figura 1:



Fonte: BENI, 1988.

O sistema turístico, assim entendido, é um sistema aberto, contrapondo-se a concepção histórica sobre sistemas fechados, utilizados pelos físicos e biólogos. Tanto na concepção física como a biologia dos sistemas abertos há necessidade de muita energia: eles

interagem, eles consomem energia, até atingir certo equilíbrio, uma finalidade, uma complexidade estável.

A limitação dos modelos sistêmicos diante da dinâmica das práticas do turismo (a coisa em si) se transformou numa necessidade de ampliação do seu conhecimento, cobrando seu pleno sentido epistemológico (construção do objeto científico) e teórico (formulação teórica do objeto, explicitação conceitual), pois não foram suficientes para além de uma idealidade irrealizável, no sentido kantiano. Razão da escolha do paradigma holístico da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade expressa por essa discussão como necessidade para uma ação.

A prática científica não se reduz a uma sequência de operações, de procedimentos necessários e imutáveis, de protocolos codificados, o que faz da metodologia científica uma simples tecnologia.

Certamente, não é possível conhecer tudo sobre o fenômeno do turismo, nem aprender suas multiformes transformações. Mas, por difícil que seja o conhecimento dos problemas-chaves do turismo deve ser tentado, para não cairmos na imbecilidade cognitiva. Tanto mais que hoje o contexto de todo conhecimento político, econômico, social, antropológico e ecológico é o próprio conhecimento do mundo. A era planetária necessita situar tudo no contexto planetário. O conhecimento do mundo como tal tornou-se uma necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital (Morin, 2000) razão pela qual acredita-se que objetos interdisciplinares estão no turbilhão dessa reforma. O estudo do Turismo requer um questionamento sistemático de tudo que envolve o fazer-saber turístico, e do que se quer fazer; o saber turístico é e será objeto de desconstrução permanente

Para Jantsch (1980) há equívocos e interpretações confusas entre os conceitos de pluri ou multidisciplinaridade, esta é a justaposição de várias disciplinas sem nenhuma tentativa de síntese. Elas dizem respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

Exemplos de multidisciplinaridade já exercitados nos estudos do turismo, por exemplo, em relação aos métodos quali-quantitativos matemáticos transferidos para o desempenho de gestão pública ou privados para análise de desempenho de redução de custo, definição de prioridades, alcance e cobrança de resultados. Ou ainda instrumentos de gestão como "Balanced Score Card", que transforma a gestão em princípios estratégicos focando as ações na implementação de políticas mais eficazes.

A interdisciplinaridade trata da síntese de duas ou várias disciplinas, instaurando um novo nível do discurso (metanível), caracterizado por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais. Diferente da multi ou pluridisciplinaridade a interdisciplinaridade possibilita geração de novas disciplinas o surgimento de novos conceitos e categorias de análise, o emprego de variáveis de ciências consolidadas como instrumentalização teórica para novas abordagens científicas, ocorrendo nesse caso, a transdisciplinaridade, ou seja, aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além das disciplinas.

O exemplo apresenta-se no campo das conceituações tomando o turismo como um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço.

Nesse intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si, para fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional e de expansão de negócios.

A preocupação de construir uma Ciência do Turismo para fundamentar um corpo de conhecimentos com entidade teórico-metodológica particular, dentro da complexidade de suas relações práticas, impõe uma ruptura epistemológica, onde o modo de produção dos conhecimentos turísticos de forma disciplinar, até então utilizado, que considera só interesses setorializados permanecendo sempre no domínio da linguagem restrita: marketing turístico, economia do turismo, geografia do turismo, gestão de negócios turísticos, entre outras; muito aquém de uma concepção sistêmica de um fenômeno cujo objeto é interdisciplinar e complexo.

Impõem-se o paradigma da interdisciplinaridade, esse nasceu da tomada de consciência cujas “lunetas” disciplinares (de cada disciplina social e humana) tornam-se impotentes para estudar problemas cada vez mais complexos (Japiassu, 2002). Destina a criar um novo discurso que seria transcendente às disciplinas particulares, isto quer dizer, não é criar uma nova disciplina não científica, mas sim desenvolver práticas que podem ser negociadas entre diferentes pontos de vista ou interesses disciplinares sob um fenômeno ou objeto propondo práticas políticas novas no campo de ação daquele conhecimento aplicado.

A interdisciplinaridade é para a elaboração de melhores representações do objeto em estudo sendo capaz, assim, de passar a ação.

Jantsch (1980) ao explicar o porquê da transdisciplinaridade, partiu da fragmentação do saber em setores distintos e fechados, que para ele são características de um enfoque particular real e de um sistema específico de relações dos seres humanos com seu entorno. Ao contestar essa visão parcial que corresponde a uma visão racional de um mundo estável e estático, que foi imposta como última verdade da ciência moderna. Essa concepção tendeu a abafar e rechaçar outra espécie de enfoque devido ao sucesso tecnológico e econômico que reforçou a visão segundo a qual ciência seria uma abordagem mais verdadeira que aquela desenvolvida por outras culturas que enfatizam a inter-relação de tudo com tudo, ou outra cosmovisão.

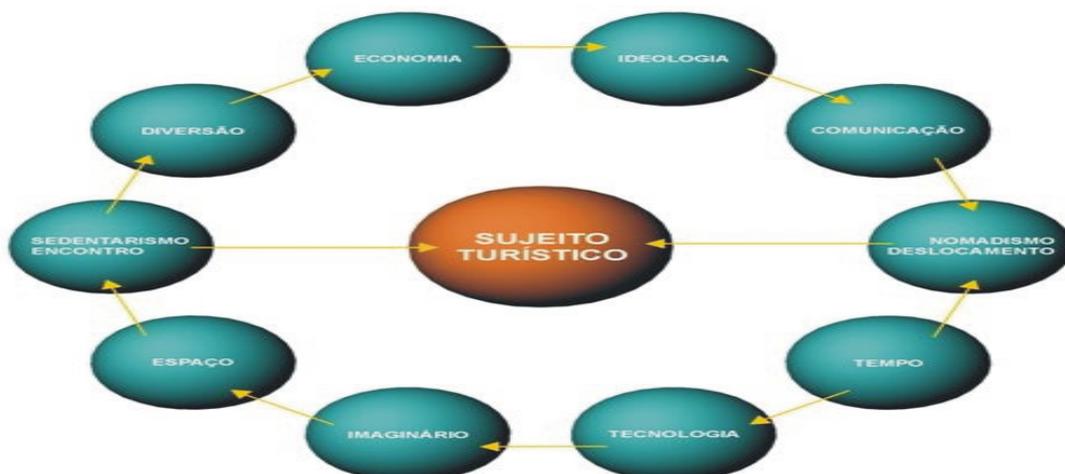
A realidade é mais complexa, depende de uma infraestrutura fisiológica, orgânica, que vai além do fenômeno dado empiricamente, a atualidade da vida psíquica subjacente. Essa complexidade só pode ser abordada pela interdisciplinaridade. De uma parte, é preciso complementar o pensamento que separa por um pensamento que une. *Complexus* significa “o que está tecido junto”. O pensamento complexo é um pensamento que busca ao mesmo tempo distinguir – mas sem separar – e unir. De outra parte, é preciso lidar com a incerteza. O dogma de um determinismo universal deve ser superado. O universo não está submetido à soberania absoluta da ordem, ele é o campo de uma relação dialógica (ao mesmo tempo

antagônica, concorrente e complementar) entre a ordem, a desordem e a organização. (Morin, 2000).

Como essa atitude interdisciplinar permite colocar o turismo como um fenômeno contemporâneo, de uma sociedade plugada em redes, convive com formas de uso do tempo liberado, das férias familiares/individuais – garantidas pelas leis trabalhistas aos cidadãos ainda empregados –, ao mochileiro, às novas experiências permitidas pela tecnologia, onde deslocamentos no espaço e no tempo podem ser reais, mas também virtuais. A conjugação dos tempos vivenciais diferenciados, a espaços cada vez mais unos, favorecendo a convivência física entre os sujeitos e a vivência com intensidade das inter-relações, em praias massificadas, destinos urbanos patrimonializados, ou em bucólicos recantos rurais, requer novas reflexões e teorias explicativas, para compreensão sistêmica orgânica nos processos de planejamento do turismo. As novas práticas turísticas requerem uma nova *praxis* turísticas.

Ao estudar o turismo como realidade humana o compreendemos como uma amálgama na qual tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, diversão, ideologia, hospitalidade são categorias fundantes de um fenômeno social contemporâneo, em que o protagonista é o sujeito, seja como produtor ou consumidor dessa prática social. Não é negada a contingência material do turismo em sua expressão econômica, mas ela ocorre historicamente, em espaços e tempos diferenciados, cultural e tecnologicamente construídos, a ser irrigado com o desejo de um sujeito biológico, nômade em sua essência. Sujeito objetivado, fundamental para a compreensão do fenômeno turístico como prática social, e subjetivado em ideologias, imaginários e necessidade de diversão e encontro, na busca do elo perdido entre prosa e poesia, conforme Figura 2 das categorias estruturantes do fenômeno turístico abaixo representado:

**Figura 2 - Categorias estruturantes do fenômeno turístico**



Fonte: Moesch, 2004.

Ao partilhar as concepções de Morin (2000), quando define que *interdisciplinaridade* pode significar também a troca e cooperação, o que faz com que possa vir ser alguma coisa orgânica. Na *transdisciplinaridade* tratam-se, frequentemente, de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe. De fato, são os complexos de inter-multi-trans-disciplinaridade que realizam e desempenham um fecundo papel na história das ciências. Transdisciplinaridade, segundo Jantsch (1980) é o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da realidade, a consequência normal da síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade, quando esta for bem-sucedida.

Um novo tipo de ciência está nascendo, não mecanicista, holística, a partir de Smuts (1980), e orienta-se em primeiro lugar pelos modelos vivos, levando em consideração a mudança e se resumindo a noções tais como autodeterminação, auto-organização e autorrenovação, reconhecimento de uma interdependência sistêmica e muitos outros aspectos. Há um sentido que é o sentido da vida, o que, junto com a alegria, são inerentes a essa nova visão transdisciplinar. Porque não caberia nesse movimento epistêmico das ciências em geral propor a continuidade da trilha na construção de uma ciência do turismo?

A inter e a transdisciplinaridade faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si, oferecendo uma nova visão da natureza e da realidade. Ela não procura o domínio sobre as disciplinas, mas o caminho de abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. É preciso viver efetivamente a experiência do transmitir e aprender em união total, onde a herança acumulada do passado é reinterpretada e visualizada apenas no que permanece de universal e para todos, que erigiu-se a partir do princípio dialógico-hologramático de Morin (2000) a reconstrução do sistema turístico. Onde a dinâmica da realidade impôs uma revisão de seus conjunto de sistemas e subsistemas como partes de um todo, de um “modelo explicativo”, em um totalidades/partes do todo como objetos de um “eixo epistemológico”. O que representa sair do modelo explicativo da ciência rigorosa, ou eixo ou modelo da biologia e passar a reconstruir o turismo por um modelo histórico-cultural, aceitando a questão global da existência do fenômeno e abrindo-se a uma pesquisa e a um debate em uma linguagem elaborada, iniciando uma busca de sentido, o que vem a ser estruturante no fenômeno turístico.

Uma primeira via de acesso é fornecida pelas “três teorias” que constituem a teoria da complexidade – a da informação, da cibernética e dos sistemas. A teoria dos sistemas lança as bases de um pensamento da organização. A primeira lição sistêmica é que “o todo é mais que a soma das partes”. Isso significa que existem qualidades emergentes, ou seja, que nascem da organização de um todo e que podem retroagir sobre as partes. A essas teorias deve ser acrescentado o desenvolvimento conceitual proporcionado pela ideia de auto-organização.

Portanto, a teoria da complexidade de Morin (2000) se apresenta como um edifício de vários andares. A base é formada a partir das três teorias (informação, cibernética e sistemas) e contém elementos necessários para uma teoria da organização. Em seguida vem o segundo sobre a auto-organização. A esse edifício ele acrescentou elementos

suplementares como os três princípios: o dialógico, o da recursão e o hologramático. O princípio dialógico une dois princípios ou noções antagônicas, que aparentemente deveriam repelir uma à outra, mas que são indissociáveis e imprescindíveis para compreender uma mesma realidade. O problema é unir noções antagônicas para analisar os processos organizadores e criadores no mundo complexo da vida e da história humana.

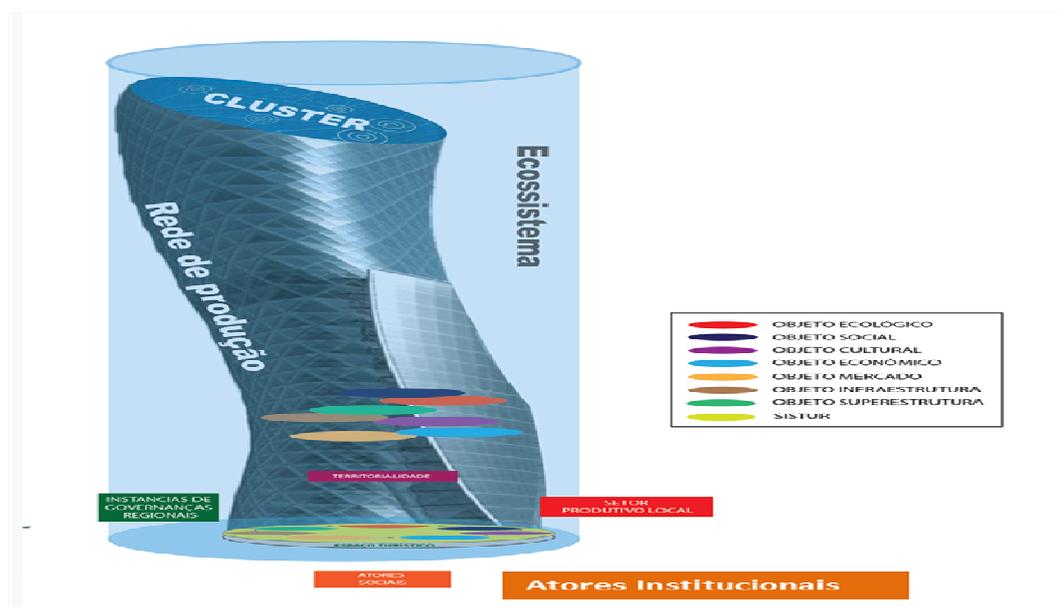
O princípio da recursão organizacional vai além do princípio da retroação (feedback), ultrapassa a noção de regulação pela autoprodução e da auto-organização. É um a curva geradora na qual os produtos e os efeitos são eles próprios produtores e causadores daquilo que produz. Assim nós, indivíduos, somos produtos de um sistema de reprodução que retoma ao fundo dos tempos, mas esse sistema só pode se reproduzir se nós mesmos nos tornarmos seus produtores nos acasalando. Os indivíduos humanos produzem a sociedade em e por suas interações, mas a sociedade, como um todo emergente, produz a humanidade desses indivíduos ao proporcionar-lhes a linguagem e a cultura.

O princípio hologramático, por fim, destaca o aparente paradoxo de certos sistemas em que não somente a parte está no topo, como também o todo está na parte: a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual. Da mesma forma, o indivíduo é uma parte da sociedade, mas a sociedade está presente em cada indivíduo como um todo, por intermédio de sua linguagem, sua cultura, suas normas.

A própria concepção do objeto turístico tratado como fenômeno necessita inserir o sujeito produtor-reprodutor do processo turístico tendo que ir além do resultado do somatório de recursos naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos. Se por um lado a divisão do SISTUR em conjuntos e subsistemas facilita a coleta de dados, pois os indicadores e componentes que caracterizam cada um dos subsistemas podem ser utilizados como um roteiro de pesquisa, ao olhar a complexidade do sistema é importante notar que o todo é mais do que a soma das partes, não como um produto de adição, mas como um produto de uma dinâmica interna auto-organizacional, uma dinâmica conjunta envolvendo as diversas partes (Morin, 2000).

A reconstrução do modelo do SISTUR, Figura IV, pela teoria da complexidade, o apreende como sistema vivo, que se auto-organiza, e realiza sua autoprodução, ao mesmo tempo em que realiza a auto-eco-organização e a sua auto-eco-produção, pois ele está envolvido em um ambiente externo que se encontra, ele mesmo, integrado a um sistema eco-organizador, o ecossistema turístico. Conforme o princípio da auto-eco-organização há valor hologramático, assim como a qualidade da imagem hologramática está ligada ao fato de que cada ponto possui a quase totalidade de informação do todo, do mesmo modo, de certa maneira o todo é o todo que nós somos parte, e está presente em nosso espírito. (Morin, 2001)

**Figura 3 - Ecosystema Turístico a partir da Teoria da Complexidade com base em Edgar Morin.O Método I.Porto Alegre,2000a.**



Fonte: Elaborado pelos autores.

Ainda, considerando o imbricamento ou sobreposição de sistemas, bem como a visualização hologramática, há trocas energéticas, materiais e informacionais que ocorrem entre o sistema e o território permitindo que em forma de rede ele internalize tudo o que necessita para que possa manter sua organização e estrutura em funcionamento. Para melhor compreender o conceito de sistema orgânico complexo, é preciso tecer as relações entre: ambiente em rede, conectividade, interatividade, auto-eco-organização, recursividade, autonomia, dinâmicas da complexidade.

A complexidade para Morin (2000a) constituiria assim, o tecido, o pano de fundo, a trama, as interações que por acaso ocorrem. Se no tecido é onde ocorrem os acontecimentos, pode-se então considerar que a complexidade é um fator constitutivo da vida correspondente a esse entrelaçamento de fenômenos e processos que constituem a sua dinâmica natural em diferentes níveis de ascenso e descenso.

O princípio do círculo recursivo ultrapassa a noção de regulação para a de autoprodução e de auto regulação. Os produtos e os efeitos são eles próprios, vistos como os produtores e causadores daquilo que os produz. Na construção dos modelos de apreensão do fenômeno turístico de forma sistêmica, explicita-se a necessidade da existência de uma estrutura, como um feixe de relações entre elementos que o compõem. Esses elementos são complementares na sua distribuição, o todo em que se constituem é cabal e suficiente, há uma forte inter-relação entre as partes. É uma estrutura de objetos/partes satisfatoriamente distribuídas, que se associam e complementam. Toda a estrutura pressupõe um sistema, pelo menos implícito e realizável, sendo sua condição

prévia e necessária para ele existir. De um lado temos o contorno geral do todo; de outro, a possibilidade de redução da complexidade do todo a nível explicativo da estrutura-objetos (ecológico, cultural, econômico, social, mercado infraestrutura, superestrutura), que repetiria dentro de si o retrato em miniatura do todo, dando, ao mesmo tempo, a razão porque o todo se mantém.

Em resumo, o pensamento complexo não é o contrário do pensamento simplificante – ele o integra. Como diria Hegel, opera a união da simplicidade e da complexidade pode ser enunciado tão simplesmente quanto o da simplicidade; enquanto este último impõe separar e reduzir o paradigma da complexidade preconiza reunir e ao mesmo tempo distinguir. O pensamento complexo é, essencialmente, o pensamento que integra a incerteza e que é capaz de conceber a organização. Que é capaz de unir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo reconhecer o singular e o concreto.

Segundo Morin (2000, p. 115) “é preciso ecologizar as disciplinas, isso é, levar em conta o que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio nascem levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se”. Quanto mais é desenvolvida a inteligência geral, maior é a sua capacidade de tratar os problemas especiais. O turismo não é algo dado. O conceito de "Turismo" não é dado de uma vez por todas. Encontra-se ligado às culturas. O ato de receber um visitante é enraizado no código da tradição. No código da hospitalidade, é necessário venerar o viajor errante, oferecendo-lhe o que é mais precioso, ou seja, o que é mais íntimo. Tampouco o conceito de hospitalidade cai do céu: é uma construção ligada a uma cultura determinada historicamente.

Em síntese qual é a dificuldade a resolver? O que está para ser desvelado sobre o objeto de conhecimento do Turismo? Da sua constituição como uma ciência? A razão da não construção de uma Ciência do Turismo está na má compreensão do domínio do objeto turístico, objeto de investigação mal definido, e conseqüente assimilação insuficiente dos conhecimentos adquiridos.

A falta de reflexão sobre o que desvelar, está na intencionalidade dos pesquisadores em indagar. Trata-se do ponto de partida do ato completo do pensamento. A amplitude do objeto desafia o entendimento humano simplificador; esse objeto que, simultaneamente, é exterior a nós. Está em nós e interage conosco, suporta mal o isolamento do sujeito em relação ao seu objeto. O Turismo é um sistema aberto, orgânico, que não pode ser estudado como uma entidade radicalmente isolada. Daí seu conteúdo interdisciplinar e transdisciplinar. Teórica e empiricamente o conceito de sistema aberto complexo abre a porta a uma teoria da evolução, que não pode derivar mais que de interações entre sistema e ecossistema e que, em seus laços mais notáveis, pode ser concebido como um transbordo do sistema em um metassistema, ou, ecossistema turístico, e aqui se estabelece o desafio da trilha.

Finalmente, sendo a relação fundamental entre os sistemas abertos e o ecossistema de ordem material energético e, organizacional/informacional, poderíamos tratar de compreender o caráter ao mesmo tempo determinado e aleatório da relação ecossistêmica. Seu objeto no formato de sua complexidade desafia uma epistemologia social para o

entendimento de sua gênese. Assim, as categorias como tempo, espaço, tecnologia, economia, comunicação, ideologia, imaginário, hospitalidade, e diversão, entre outras, constituem-se na sua práxis. Práxis turística não disjuntiva, nem linear, mas sim, uma construção dinâmica, permanente, onde o sujeito turístico em sua transumância se move, constrói de forma imaginal, comunica seus desejos mais íntimos, em processos objetivos de fluxos (deslocamento/viagem/transportes), de fixos (estada, hospedagem, alimentação, acolhimento e segurança), e de prazer (o encontro cultural, a diversão) que só se estabelece se houver o encontro possibilitado pela a hospitalidade.

Relações sociais que configura a esse ecossistema turístico sua energia, sua força dinamizadora como humana. O sujeito turístico é que permite a existência deste sistema e não o inverso. Essa mesma energia que mantém a dinâmica do sistema turístico é produtora de necessidades objetivas, que de forma espiralada, gera uma reprodução ampliada de processos econômicos e culturais, que atendem ao desejo de transumância, e permanência transitória do sujeito turístico, em seu movimento de ir-vir, seu fluxo nômade.

A energia humana causada pelo desejo de transumância, o nomadismo na contemporaneidade gera um sistema auto-eco-organizador, assim, o turista é produtor do objeto turístico, mas também numa dinâmica sistêmica auto-recursiva, é reproduzidor do próprio sistema turístico ao consumir os objetos produzidos nos territórios visitados.

### **Referencias Bibliográficas:**

BENI, Mario C.1998. Análise Estrutural do Turismo. Ed. São Paulo: SENAC.

JANTSCH, E.1980. " The Self Organizing Universe Scientific and Human Implication of the Emerging Paradigm of Evolution" Pergamon Press.

JAFARI, Jafar. 1981."Toward a framework for Tourism Education", Periódico Annals os Tourism Research.

JAPIASSU,Hilton.2002. Introdução ás Ciências Humanas. Letras & letras. São Paulo.

MOESCH, Marutschka.2004. Epistemologia Social do Turismo. Dissertação Doutorado. ECA/USP. São Paulo.

MORIN,Edgar.2000.Ciência com Consciência.4 ed. Rio de Janeiro:Bertrnad Brasil.

.\_\_\_\_\_2000a .O Método I: a natureza da natureza.Porto Alegre: Sulina.

SMUTS ,Hon J.C. 1928. Holism and Evolution". Publisher: Macmilian and Co.